

Resistência para viver: as estratégias da
condição humana a partir de *vidas secas*,
em seus horizontes de transcendência

Hermide Menquini Braga

Doutoranda em Ciências da Religião – PUC-SP

hm-braga@uol.com.br

Resumo: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, despertou-nos a atenção por apresentar certa tensão entre o apego à vida e as dificuldades de obtenção de recursos primordiais para sua manutenção. As causas decorrentes da organização das sociedades e o elã que predispõe o homem à intelectualidade produzem modalidades de linguagem, expressões que se traduzem em resistência para viver. A análise literária da obra destaca os membros da família de Fabiano e sinhá Vitória, que apresentam traços idênticos de retração social, marcada pela dificuldade de expressão verbal, ocasião em que afloram metáforas e símbolos pouco comuns. A capacidade de comunicação humana com o exterior e o transcendente identifica a mística, um estágio progressivo na iluminação humana

Palavras-chave: mística; resistência; linguagem; *Vidas Secas*; literatura.

Abstract: Dry Lives, of Graciliano Ramos, attention for presenting certain tension despertou us it enters the attachment to the life and the difficulties of attainment of primordial resources for its maintenance. The decurrent causes of the organization of the societies and it that premake use the man to the intellectuality produce language modalities, expressions that if translate resistance to live. The literary analysis of the workmanship detaches the members of the family of Fabiano and sinhá Victory, that identical traces of social retraction present, marked for the difficulty of verbal expression, occasion where little common metaphors and symbols arise. The communication capacity human being with the exterior and transcendente identifies the mística, a gradual period of training in the illumination human being

Keywords: mistic; resistance; language; *Vidas Secas* and literature.

Nossa pesquisa destaca, da obra graciliana, o último romance de uma série de quatro, *Vidas Secas*, publicado em 1938.

Essa cronologia foi importante para esclarecer a concepção que viemos a estabelecer nesse estudo. O naturalismo cortante e sombrio de *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia* representam um fundo tenebroso para *Vidas Secas*, como a última obra dessa série, pois a palavra que resgatava os outros personagens tem que ser procurada em *Fabiano*, de *Vidas Secas*.

Graciliano insere os personagens, a família retirante em um imenso descalvado, no qual a cor ocre de terra ressequida contrasta com a cor branca dos ossos de animais mortos. Uma primeira inversão prenuncia aqui o regime a que ele submete os signos. Cores claras e intensas são aqui signos de morte, não de vida, sensação que motiva o leitor à postura alternativa diante da obra Graciliano Ramos lança seu leitor na problemática que aqui abordamos, no primeiro parágrafo do romance *Vidas Secas*.

O homem colocado nesse cenário, em pé, constrói um ângulo reto com o chão ressequido, em postura antropológica. Essa posição de realce constitui dialética com os preceitos lógicos – ele está vivo soberanamente naquele ambiente de morte. Isso levantou em nós a questão – o que é o homem? Estava, pois, embutida na gênese humana a resistência a ser aprofundada. Ressaltada ali pelos contornos do drama. Essa foi *nossa motivação* ao procurar em tal modalidade argumentos para nossa intenção – estudar os pormenores da constituição humana, nosso primeiro impulso.

O ocre do chão patente na introdução de *Vidas Secas* e o contraste refletido pelo movimento dos sertanejos sugerem o transporte da instância biofísica ao corpo propriamente humano, espaço ideal para as deslocamentos transcendentais. Essa percepção nos leva a uma primeira impressão – O homem é um trânsito.

Essa idéia acomoda-se em nós pelo conforto que nos dá o elementar conceito aristotélico de primeiro motor. Sugere-nos ainda, por meios estéticos, temas capitais como a solidariedade e a ética. Sendo assim, *Vidas Secas* apresenta-se como literatura de resistência, pois a ética é seu pilar. Define-se, pois, como uma interdição da vontade, em detrimento do desejo que é a mola que move a imaginação criativa dos escritores. Essa noção provém de obra crítica literária de Alfredo Bosi.

As questões éticas sobressaem em *Vidas Secas*, mas o desejo de expressão presente no relato do drama determina o ponto crucial da narrativa – o bloqueio da fala dos personagens. Trata-se da ironia maior, aquela que se instala na estrutura da obra.

Desta forma, a natureza, exposta à situação ambiental e social tão adversa apresenta-se como resistência. Mais uma vez somos remetidos ao arcabouço antropológico. Instala-se uma intervenção intermitente, cíclica em nossas investigações – o que é o homem? Como ele se constituiria a partir de seu caráter transitório, que já havíamos constatado? Estas questões configuram-se como passos mantenedores da motivação desta leitura a partir desse *estado da questão*.

A aporia que originada no contraste que a vida faz com o ambiente de morte justifica as noções antropológicas de que o homem, salvo-guardado pelo espírito é vocacionado para Bem e para a Verdade. Essa questão está

presente como denúncia na esperança do personagem Fabiano, que conjectura – *Você é um homem? Um bicho Fabiano.*

Esta dúvida de Fabiano produz no pesquisador a percepção de que: existe conjectura, existe, pois, homem, uma dúvida solucionada pela sua própria elaboração. Nossa abordagem do objeto decorre de, estando instigados por essa idéia (uma doce amargura) sugerida pela trama de *Vidas Secas*, ouvimos, por acaso na rua a constatação de dois velhos senhores conversando – *O homem sem Deus é bicho.*

Tal concepção, fruto da reflexão de dois homens simples atesta a inteligência humana em processo, e vem reforçar o argumento de Graciliano com relação ao personagem Fabiano – um homem acuado pelo sistema social, agravado pela seca, a ponto de espantar-se com a própria reflexividade. Constatamos, pois que a reflexão no homem é congênita. O ponto crucial em *Vidas Secas*, portanto constitui-se na liberdade, a impossibilidade radical do homem ignorar o dom da autonomia. Este traço em nosso *objeto* estava, pois delimitado.

Estava constituída nossa trilha. Nosso próximo passo era assumí-la. E para isso precisávamos de uma estratégia de abordagem às *situações – limite* nas quais o homem era envolvido por meio dos personagens. Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e a cadela, e ainda os coadjuvantes, o soldado Amarelo, Sinhá Terta, Tomás da Bolandaria, o bom patrão trazem em suas relações a pista de que o retorno da aporia do homem acontece por meio da comunicação. É por meio desse retorno e pela falta dela que se instala a ficção em *Vidas Secas*.

A justificativa para o enfoque a *Vidas Secas* surge devido à obra apresentar a realidade política oligárquica, mostrando seus contornos primitivos, prenhes de dificuldades. A atuação do homem criando meios de superação, salvaguardado por sua característica espiritual, apresenta-se como o ponto de convergência do nosso objeto.

Vemos na obra a capacidade do homem de fazer da queda um marco oposto, vemo-lo como caminho, como encenador e como incentivador dessa inversão benfazeja, a compreensão de si próprio.

Ela é dada no âmbito humano pelas linguagens e a via humana tradicional é a verbal, motivo pelo qual a Audição da Palavra Divina pode permitir o contato com o Espírito absoluto, a mais plena e completa forma do ser transcendente resistir. Trata-se da celebração da estrutura espiritual humana seguindo a mesma trilha, cujo ápice é o Absoluto. Justa e incitante é esta promessa. *Vidas Secas* é a exposição crua desse homem.

Diante de tal constatação procuramos apoio teórico na antropologia cristã por Henrique Cláudio de Lima Vaz. Investimos pela mística cristã e para aplicá-la fomos remetidos compulsoriamente à *Antropologia filosófica I, obra responsável pela resposta – pergunta – o que é o homem*. A evolução disso, ou seja, os passos místicos foram inspirados pela mística cristã. Surge-nos, em síntese, da explicitação de três questões fundamentais: A primeira delas surge em torno do atributo da inteligência humana. Como ela desenvolve-se e quais passos possibilitam esse atributo primordial humano, que em *Vidas Secas* está aquém da eficiência. Como ela poderá ir além de uma comunicação apenas intersubjetiva atingindo a transcendência. Quais os passos que essa elevação envolve? Pudemos imediatamente pressentir que a base dessa hipótese envolve a pergunta – *o que é o homem*.

Uma segunda questão parece, decorrente da primeira. A situação de miséria em que se encontram os personagens pode ser superada pela condição humana quando forja situações resistentes?

Nosso objeto, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, enquanto literatura de resistência sustenta-se na ética. Como, portanto, a condição humana, faz esse homem refletir e interagir? Como a obra literária suscita isso?

Essa é uma terceira questão que a nós se apresentou.

Já conhecíamos, entretanto antes da elaboração destas questões, os limites do nosso objeto e trajetória de nossa pesquisa. A deficiência de comunicação como ponto de partida e a comunicação sobrenatural por meio da mística profética eram os pólos.

Sendo assim organizamos nosso estudo em um primeiro momento de análise a que chamamos de *Vidas Secas e suas alternativas*.

O perfil dos membros da família e a presença efusiva e constante da cadela *Baleia* foram passivos de um exame que se pretendia revelador. Aí constatamos que a atitude convencional da família era quebrada pelo desempenho de sinhá Terta, uma cabocla que sabia consertar espinhelas, costurar e surpreendemente falava palavras compridas. Trata-se de um contraste ocasionado pelo grau mais apurado de aplicação intelectual. Nesse mesmo patamar estão as atitudes ponderadas, atípicas para a região, de Tomás da Bolandeira e do bom patrão. É do contraste com essas atitudes que surge o reconhecimento da também superior apreensão de sinhá Vitória – a presença dos pássaros. Tal aporte nos previne da presença imanente e transcendente da mulher no casal sertanejo.

Em um segundo momento enfocamos as relações que se dão em dois aspectos – entre os membros da família e fora deste âmbito, em sociedade. Intersubjetivamente o bloqueio expressivo escancara-se.

Os animais, por sua vez têm enfoque primordial para a obra. *Baleia*, a cadela ascende em inteligência, equipara-se a um membro da família. Sua percepção é concebida em um suporte idêntico ao dos humanos, enquanto que aos chucros e ao gado destina-se um linguajar onomatopáico, que é estendido à comunicação entre os integrantes da família. A ironia expressa pela presença do papagaio destaca-se e a presença dos urubus completam a perspectiva soturna do ambiente de seca. Essa é a entrada mística por parte de sinhá Vitória, na trama.

Os diversos e estranhos recursos pelos quais a comunicação, inata no homem surge constituem o romance. Os meninos reproduzem o meio cultural no barreiro, nas figuras que modelam, o casal ante o desespero na primeira retirada verte lágrimas ao mesmo tempo, são elas o recurso comunicativo.

Com tal análise levantamos pistas de que a comunicação é trunfo da espécie humana, logo deveria ser ponto determinante indiscutível. Estava presente aí uma questão. Sendo assim, em *um terceiro momento* recorremos à fundamentação teórica para embasar nossas hipóteses.

Em *Antropologia filosófica I* encontramos a explanação acerca da primeira supressão no edifício humano. A primeira etapa à questão aporética, por isso cíclica, instigante e mantenedora da espécie – o que é o homem? Estava lá o método do Padre VAZ minucioso, gradativo, esclarecedor na proporção da empreitada – conhece-te a ti próprio. Entretanto, para mantermos nosso objeto precisávamos de uma estratégia de abordagem...(As três estruturas, três níveis de compreensão)

É por essa razão que, no terceiro momento, investimos nossa pesquisa em conhecer o que é o homem. Procuramos entender sua constituição para fundamentar a origem de sua resistência. A estrutura ou nível ontológico do homem compõe-se de estrutura somática, psíquica e espiritual. Na estrutura somática é representada pelo corpo do homem, o corpo próprio e os corpos no mundo, a estrutura psíquica é responsável pela interiorização desses dados externos, sem, contudo retê-los. A estrutura espiritual é onde as impressões fixam-se, em virtude da instalação do Eu transcendental.

Tudo, entretanto, acontece de um modo articulado, porque esses estágios dão-se em três níveis de conhecimento: a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica.

A pré-compreensão, por meio da mediação empírica, traz os dados construtores da estrutura humana, a compreensão explicativa, pela mediação abstrata, atém-se às ciências dos homens e a compreensão filosófica ou transcendental, exatamente pela mediação transcendental liga-se a aporética. É este o impulso caracterizador da atitude filosófica no homem. Quando o homem entende-se sujeito, pela categoria psíquica reconhece esse seu manifestar.

Na compreensão filosófica, que se compõe de aporética histórica aquela que situa a circunstância no tempo e na análise dessa evolução e de aporética crítica, que por sua vez subdivide-se em momento eidético, limitado à definição categorial e momento tético, ilimitado à especulação.

A partir dessa base teórica, estabelecemos uma perspectiva de abordagem do romance *Vidas Secas* por meio das estruturas e dos planos de compreensão presentes no drama. O estágio da pré-compreensão nas três estruturas demonstra sua base de fundamentação. Dessa forma, recolhemos da pré-compreensão da estrutura somática, quando esta se reestrutura pelo corpo próprio, as modalidades de relação com o mundo exterior na ficção de Graciliano.

O corpo próprio é uma suprassunção. O corpo reconhece-se como corporalidade, ao invés de ser apenas uma massa física ou uma instância biológica. É o primeiro degrau que nos distingue dos animais. Essa reestruturação se dá subjetivamente no domínio físico-biológico e no psíquico.

Na primeira instância aparece o ser humano sexuado e na segunda essa sexualidade é percebida via afetividade, é uma adequação do sexo, agora não mais simplesmente biológica. São os fatos que permitem a concepção do casal na ficção, originando a família. Ainda reconhecemos a caracterização dos gêneros pelo viés cultural da tradição do vestuário, universalmente dado pela saia feminina e a calça e o paletó masculino.

Nessa instância aquilo que marca essas passagens é o escândalo do corpo a corpo na caatinga calcinante, já que seres humanos reduzem-se a caçadores, tal como o cão da família. Isso fica mais incisivo quando acontece o extermínio das aves d'arribação. Naquela oportunidade percebemos uma batalha acirrada, vencida pela intuição humana. Trata-se de uma redenção que, por meio de sinhá Vitória, restabelece a dignidade do grupo. Constatamos que o nível intersubjetivo, que marca a atuação humana, é sucitado pela atitude de caça que esses sobreviventes têm que exercer. É um caminho amargo esse que desenvolvem, em manutenção à vida.

A compreensão da maestria de Graciliano ao compor o personagem Baleia, uma vez que o animal, na trama, tem consciência de seu próprio corpo, ela sente-o formigando no episódio de sua morte. Aqui se instala o

absurdo no relato, o autor afirma a compreensão filosófica do corpo pela cadela, atributo essencialmente humano. Esta ironia instala-se ontologicamente na narrativa.

A estrutura psíquica surge na trajetória da conscientização, interiorizando as impressões acolhidas do mundo exterior. A pré-compreensão da estrutura psíquica transforma o *estar-no-mundo* somático no *ser-no-mundo* psíquico. O espaço ocupado pelo corpo dinamiza-se nas intenções trazendo o Euconsciente. A compreensão filosófica do psiquismo em seu momento eidético aparece na obra com exemplos da duração psicológica em *Vidas Secas*, quando a indicação da memória e das emoções confere a Fabiano no encontro com o soldado Amarelo, em plena caatinga, a superação. O vaqueiro o fita nos olhos, soberano, ali no seu território. Nesse intervalo, ele consegue sub-sumir o impulso de estripá-lo. Isto se deu pela manifestação da porção cívica do vaqueiro, reconhecendo no soldado a autoridade, despersonalizando-o, portanto.

Menos emoção e mais sentido prático foi à ordenação dos pensamentos em sinhá Vitória, quando do surgimento das duas tarefas simultâneas que se lhe apresentaram. Entre abastecer o bededouro e temperar a panela ocorrem dois espaços diferentes para ação, logo precisaram de dois momentos diferentes para serem executadas.

Na estrutura do espírito a pré-compreensão – reflexividade humana é o momento em que o homem tem consciência de si e do mundo perante si. Essa consciência vem a demonstrar-se como Razão, que se instala por meio das etapas que compõem a presença reflexiva do homem, a *Prioridade-em-si* (normatividade absoluta do objeto) e a *Prioridade-para-si* ou normatividade absoluta do sujeito, que, enquanto subjetiva, é a adoção pelo sujeito dessas normas propostas, essa transação consiste na reflexividade humana.

Por isso, é atributo desse plano de compreensão a Ética, porque é um tratado do bem agir, e a Lógica, porque permite a adequação das necessidades com a razão. Em *Vidas Secas*, a pré-compreensão do espírito aparece interligada à compreensão explicativa, quando existe o entendimento por parte do casal sertanejo de que estão sendo enganados no acerto de contas com o patrão. A convicção vem dos cálculos reais, concluídos por meio da concretização dos dados nos grãos de feijão. A soma real não concebe a estratégia dos juros, ficando exaltado, pois, o sistema de acumulação de bens materiais em detrimento da compensação justa por um trabalho honesto. O embate entre produzir e auferir define a miséria.

A compreensão filosófica ou transcendental do espírito pode ser notada em *Vidas Secas* na organização do espaço geométrico por sinhá Terta, em suas costuras, denuncia leve esperança de que o espírito humano é mantenedor da hierarquia nas sociedades. A necessidade das emendas na confecção das peças do vestuário torna essa situação um atributo que passa pela abstração da geometria, quando organiza a dimensão do tecido ao molde e vem a culminar com a mediação transcendental, representada pela consecução da peça de roupa.

Ocorre que a precariedade do tecido vem incidir em uma multiplicação das figuras geométricas, representadas pelos pedaços de tecido que complementam o desenho das partes da peça a ser costurada. Esta, antes de ser um simples revestimento para o corpo, significa a *mimese* deste, dada no concreto, por uma operação espiritual de relação entre as coisas do mundo e o corpo humano.

A estrutura espiritual humana é sustentada pelo quiasmo, o fundamento da inspiração mística, constituído por meio de quatro temas: o pneuma, ou seja, uma metáfora de que espiritualmente há um sopro vital que se

assemelha aos movimentos da respiração biológica, resultando autonomia; o nous, ou seja, a visão em profundidade pelo intelecto; o logos, a espiritualização universal da palavra conferindo ao diálogo a via de compreensão humana, e a synesis, a idéia de espírito como consciência.

A interligação dos quatro temas (pneuma, nous, logos e synesis) dá conta da estrutura espiritual do homem como verdade, inteligência e liberdade. Isto origina a seguinte ramificação: a inteligência remete o homem à verdade (ser-para a verdade), a liberdade põe o homem na circunstância de estar destinado ao bem (ser-para o bem. Eis o fundamento da inspiração mística, natural no homem, uma inclinação).

Ocorre, deste trânsito, uma dualidade no espírito finito, aquele que o homem detém. A Inteligência ou Razão (*nous*) e Entendimento permitem o reconhecimento das ações pelo homem, *de acordo com a vocação da Verdade e do Bem do espírito. Isso, em nova operação, vai ser dimensionado pela Liberdade humana por meio do Livre Arbítrio, que consiste na autogerência.* Essa atuação, obviamente, se dá nas coisas do mundo exterior, na ligação via psicossomático. Eis a supremacia da espécie, *eis a unidade substancial do homem.*

Por transcendentalização – finito x infinito equivale dizer que a constituição humana, por meio do seu espírito, é aprofundarse nessa espiritualização, cujo termo - o Espírito absoluto - imanta-se ao espírito humano (finito) na transcendentalização.

Quanto mais avançamos nessa trajetória, mais nos afastamos da estrutura psicossomática, razão pela qual a morte, liberação do corpo, tende-nos para a eternidade de nosso espírito, enquanto que a transcendentalização nos põe na interpretação do Verbo-Encarnado. Está aí a contemplação! Ocorre por meio dos aspectos da mediação, que desembocam na via única da Palavra Substancial, ou seja, Jesus Cristo (O verbo Encarnado). A mística cristã, síntese das três modalidades místicas:

A experiência da mística cristã percorre um caminho que desemboca na mística profética, uma síntese de outras duas modalidades precedentes na organização da concepção mística ocidental: a mística especulativa e a mística mística, facções inseparáveis da mística cristã, baseadas no Novo Testamento.

Isso é baseado no quiasmo. Isso vem por mediações (inferior/superior) mediação criatural, mediação da graça tem por canal a audição da Palavra e sua recepção por meio da fé e mediação histórica funda-se no tempo, um tempo arquetipo, não mítico.

Esses estados mediadores levam para o caminho do Mistério: “a Revelação de Deus no Cristo Jesus”. A este estágio submetem-se três passagens: a *iluminação, a união e a efusão. Efusão, pois, é chegar a um estado no qual a união, que é um estágio da contemplação, transforma-se em ação.*

A resistência transparece nos atributos dos sertanejos no romance, com relação ao rito de Natal. No segmento deste trabalho a conscientização da mística ocidental cristã na trajetória humana: o prejuízo maior da família sertaneja a leitura é a descrição da inaplicabilidade dos caboclos a esse rito. O fator econômico que envolve a ritualização da indumentária para a missa do Natal prevê dispêndio econômico, por isso aumenta a responsabilidade material, em detrimento da espiritual. Em outras palavras, desloca a fé para a instancia da pré-compreensão do corpo próprio, mas ainda assim eles estão presentes, e presença é possibilidade.

A Verdade e o Bem, poderíamos dizer, são a inspiração vocacional do homem, estabelecido já na pré-compreensão do espírito pela reflexividade. Assim, a predisposição para a Verdade e para o Bem estimula o humano nas relações intersubjetivas no mundo exterior. Nasce daí o apego, o cuidado com os demais; está intrínseco mesmo no rude Fabiano, no trato com o gado, sobretudo na relação com Baleia, junto ao gado. Como vaqueiro, ele os conduz ao invés de dominá-los. Essa premissa suaviza a dominação. Eis a primeira resposta, à primeira questão.

A resistência humana, vem como nossa 2ª resposta. Em *Vidas Secas*, Fabiano é um protesto calado, como os silêncios expressivos de Santo Agostinho ou seu inverso, a polêmica e retumbante razão negativa da dialética socrática.

Pela radicalidade das situações, em nível estético, *Vidas Secas* poderia ser tomada por literatura do absurdo. *Entretanto, é pelo aspecto da antropologia filosófica que tiramos nossa sustentação da resistência humana. O espírito fornece a síntese Inteligência e Liberdade.* Estes dois atributos permitem as acepções de acolhimento e dom, operações do espírito. Equivale a dizer que ocorre a presença do espírito ao ser, porque o ser *chega ao espírito por meio da inteligência e esse dom de espiritualizar-se retorna ao ser como liberdade.*

A terceira resposta – Literatura de resistência. Teoricamente, a literatura de resistência predomina pela vontade, permeada pela responsabilidade aliada à liberdade. A ética predominando sobre a estética torna-se um instrumento civil de emancipação, apoiado no destino irreprimível da mensagem literária. A reflexividade, que tem como traço a *prioridade-em-si do objeto* ou *normatividade absoluta do objeto*, representa-se como um ditame do tratado do agir humano, a Ética.

Temos, portanto, que a literatura de resistência permeada pela ética e, enquanto literatura, tendo perfil difusor, funciona como um facilitador na tarefa de conscientização dos parâmetros éticos esquecidos.

Como síntese de nossas hipóteses podemos dizer que a aporia é esse dom da espiritualização que demonstra o verdadeiro sentido da vida, disposição que nos faz compreender a origem dessa vital construção. Em outras palavras, define o homem tal qual é constituído em sua estrutura antropológica, que é a de estimulação ao conhecimento. Compreendendo essa questão a qual nos propusemos, conhecendo a potencialidade encerrada no espírito remetemo-nos facilmente ao conceito de resistência humana, que surge também como atividade literária.

Referimo-nos à questão da representação por meio da filosofia da metáfora, noção de Franklin Leopoldo e Silva em *Bergson, intuição e discurso filosófico*. *A ironia surge entre as três respostas* a liberdade trata do nível da expressão, na literatura de resistência a libertação é mais profunda, porque desce às amarras da dominação sócio-política, levantando uma muralha para de lá combatê-la. Em Graciliano, ela é sutil e ferina. Consiste na ironia que chamamos de ontológica pela qual ele estrutura sua obra, ou seja, o protagonista que não tem o dom da expressão.

Isso o contrapõe a sua própria atuação de superar o sistema por meio de seus romances. Ele nega a Fabiano, em *Vidas Secas*, aquilo que lega a Paulo Honório, em *São Bernardo*. É por esse posicionamento crítico que o homem distingue-se no universo e marca sua presença como espécie. Por isso transparece a condição humana,

que por meio da intuição intelectual realiza-se por estratégias, fruto da transcendentalização que a faz criativa, e, por isso capaz de permitir ascendência.

Essa vida constitui o processo, e esse processo em tal vida prenuncia, o ápice, *apex-mentis*, cujo resultado é o homem que sonha e que teme nesse característico percurso, pelo qual aqui nos interessamos, em aporia caracterizadora dessa reflexão que motivou este texto.

A certeza de que todo amanhã é uma busca caracteriza tanto a imanência quanto a transcendência, é evolução, infinita neste complexo do ser real e do Ser existencial do qual somos agentes, pelas posições que assumimos e reflexamente pacientes, em ocasiões como esta, de crítica e de constatações.

Referências

BOFF, L. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos – mínima sacramentalia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVA, F. Leopoldo. *Bérgson: Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 57ª ed. Rio de Janeiro: Record.

_____. *São Bernardo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Vidas Secas*. 85ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____ *Infância*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. *Caetés*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____ *Experiência Mística e Filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____ *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1992.